

METODOLOGIAS PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL



Como a educação integral acontece na prática?

Por meio do uso intencional, estruturado e compartilhado de algumas metodologias, educadores constituem uma comunidade de sentido e de prática nas escolas.

**Clique aqui
para iniciar**



APRESENTAÇÃO

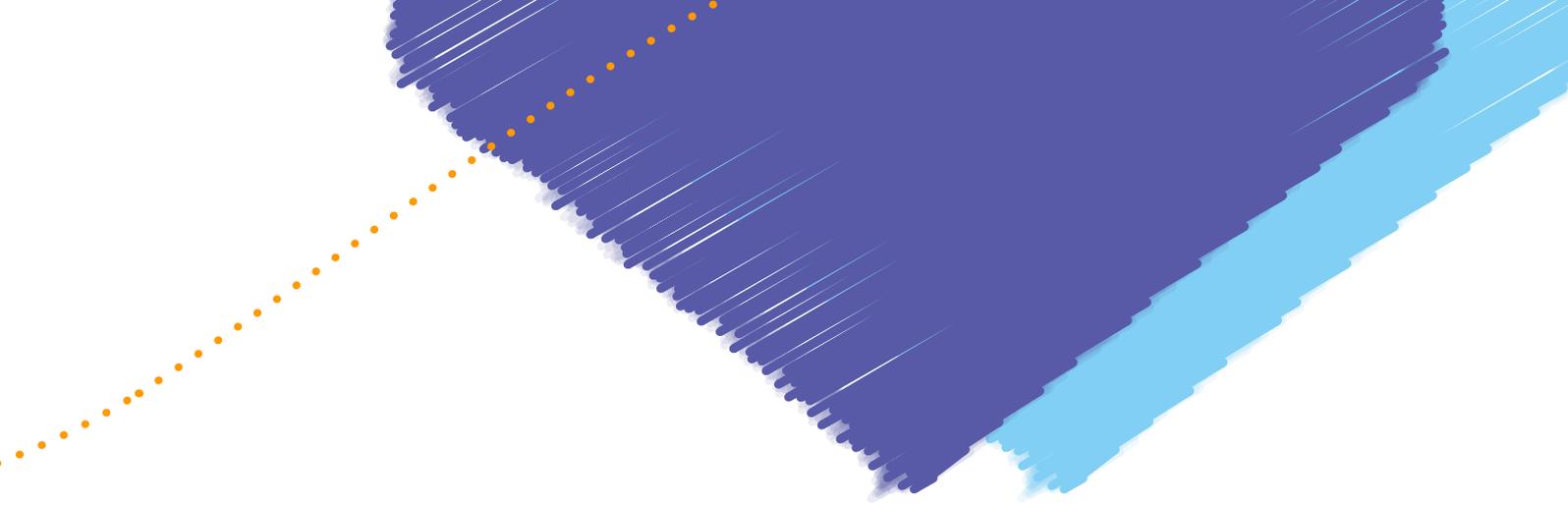
Metodologias para a Educação Integral: Modos estruturados e intencionais para ampliar as fronteiras da qualidade da educação

No primeiro módulo, você teve a oportunidade de conhecer mais sobre a educação integral que estamos tratando neste curso. É uma educação integral que tem como objetivo ampliar as fronteiras da qualidade da educação oferecida no país, a partir da redefinição dos propósitos formativos. Uma formação para a autonomia requer que, para além da aquisição de conteúdos curriculares, os estudantes tenham oportunidades estruturadas e intencionais de se desenvolverem plenamente. Assim, uma concepção de desenvolvimento cognitivo que contemple o desenvolvimento socioemocional de modo integrado ao currículo tem sido objeto de estudo e de propostas educacionais de educação integral.

Aqui serão apresentadas formas de concretizar os princípios da educação integral, a partir de metodologias que compõem um conjunto de práticas que promovem, no dia a dia da escola, o desenvolvimento pleno de crianças, adolescentes e jovens. Por meio delas, as aulas, os projetos, os momentos de estudos orientados, as atividades culturais ou esportivas etc., são cuidadosamente planejados pelos professores de todos os componentes curriculares, para que a aprendizagem aconteça a partir de experiências e situações diversas.

A utilização dessas metodologias pelo corpo docente apoia fortemente a integração do currículo e fomenta uma *comunidade de sentido e de prática na escola*. Uma comunidade de sentido e de prática parte do desejo de aprimoramento individual de cada profissional da escola, por meio do diálogo e do





autoexame constante sobre os conceitos, princípios e fazeres que norteiam sua ação educativa. Nesse sentido, a capacidade de abertura para aprender consigo mesmo e com os outros é a chave para o estabelecimento de uma cultura de trabalho colaborativo. Uma comunidade de prática se constrói na ação participativa e corresponsável dos professores e equipe gestora na construção dos rumos e na rotina das práticas pedagógicas.

As metodologias de educação integral que você conhecerá nesta revista, dizem respeito:

- *às abordagens que consideram a qualidade da interação professor/estudante;*
- *à colaboração dos estudantes entre pares para promover a aprendizagem;*
- *à problematização como estratégia para a construção do conhecimento;*
- *ao desenvolvimento de projetos como meio de trabalhar os interesses dos alunos e promover aprendizagens significativas;*
- *aos multiletramentos como eixo da formação de leitores e produtores de textos.*

Esperamos que o material contribua para o processo amplo de discussão em torno de metodologias para a educação integral e para a soma de forças na construção das inovações pretendidas e necessárias.

Boa leitura!



SUMÁRIO

1

METODOLOGIAS PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL

Ações que engendram uma comunidade de sentido e prática na escola

2

PRESENÇA PEDAGÓGICA

Um modo de mediar o processo de aprendizagem com qualidade

3

APRENDIZAGEM COLABORATIVA

Construção coletiva do conhecimento

4

PROBLEMATIZAÇÃO

Ensino que fomenta o “aprender a aprender”

5

FORMAÇÃO DE LEITORES E PRODUTORES DE TEXTOS NA PERSPECTIVA DOS MULTILETRAMENTOS

Um desafio de todos os professores

6

EDUCAÇÃO POR PROJETOS

Ensino conectado com a prática

6

10

16

22

28

34



1 METODOLOGIAS PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL

Ações que engendram uma comunidade de sentido e prática na escola

As metodologias para a educação integral estão ancoradas nas concepções das metodologias ativas, cujas origens remetem à formulação de John Dewey que enfatiza a importância da ação para a aprendizagem, ou seja, a ideia de que se aprende fazendo (*learning by doing*). Uma proposta de educação integral que tenha como objetivo a construção da autonomia do estudante e a promoção de seu desenvolvimento pleno, necessita de metodologias que garantam experiências que valorizem a participação ativa, crítica e colaborativa dos alunos em situações de aprendizagem diversas.

As metodologias precisam ser empregadas com intencionalidade, demandando que professores e estudantes as compreendam, acreditem em seu potencial pedagógico e se engajem em sua implementação. O acompanhamento e a avaliação do trabalho com essas metodologias são essenciais, pois ao verificar resultados e repercussões na aprendizagem dos estudantes, geram evidências de sua relevância pedagógica.



Para praticá-las, considere que as metodologias:

- demandam dos estudantes um papel ativo;
- necessitam que os professores estabeleçam com os estudantes uma relação de confiança, elevadas expectativas, reciprocidade e de abertura para o erro;
- são aplicadas em situações colaborativas envolvendo o trabalho em equipe;
- são trabalhadas em situações de aprendizagem complexas - como os projetos - envolvendo a necessidade de problematização;
- exigem como base sequências de atividades estruturadas, com clareza de propósito e com a duração adequada para gerar aprendizagem e promover o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais pelos estudantes.

O que significa fortalecer uma comunidade de sentido e de prática na escola?

A base para a instauração de uma cultura colaborativa na escola é cultivar no dia a dia uma comunidade de sentido, ancorada no compartilhamento de memórias, valores, crenças, concepções e objetivos comuns.



Para o estabelecimento de uma cultura colaborativa na escola, tão importante quanto partilhar sentidos, é partilhar atitudes e práticas. Uma comunidade de prática se constrói na ação participativa e corresponsável dos professores e equipe gestora na construção dos rumos e na rotina das práticas pedagógicas.



Segundo a professora de Língua Portuguesa e Literatura Ednês Martins, a cultura colaborativa “é uma nova postura, você passa a olhar o ensinar e aprender de outra maneira. Pouco importa se você tem trinta, quinze, três anos de magistério: o tempo todo você está revendo sua prática. E não existe a questão da culpa, de achar ‘o’ responsável, se o fracasso é do aluno, ou o fracasso é do professor. Tem que ir de mãos dadas com outros colegas, e aprendi a olhá-los de maneira diferente. Porque o trabalho do professor pode se tornar muito solitário, ele planeja, executa, é o líder da turma. Na minha escola, já trabalhamos de uma maneira muito colaborativa, mas o professor não está acostumado com isso, não foi formado para isso. O grande desafio é a questão da coletividade”.



É importante que cada profissional assuma o compromisso de nutrir constantemente atitudes e ações, como:

- refletir e buscar o aprimoramento das próprias práticas.
- conquistar o apoio e a confiança dos colegas, tendo em vista objetivos comuns.
- exercitar a abertura para ouvir, compreender e aprender com os colegas, deixando-se influenciar pelo ponto de vista do outro.
- assumir papel estratégico na aprendizagem dos estudantes, tomando para si o compromisso com o desenvolvimento pleno deles.
- assumir seu papel na construção do projeto educativo da escola.
- participar construtivamente de reuniões pedagógicas e outros espaços de trabalho coletivo, somando forças com os gestores.
- buscar e participar ativa e construtivamente das oportunidades formativas.
- identificar problemas, planejar e agir para resolvê-los, de modo compartilhado com os colegas.
- pedir *feedbacks* aos colegas e gestores e usá-los a favor do próprio desenvolvimento.
- registrar suas práticas e dar visibilidade para o conhecimento construído pela equipe, compartilhando o resultado das reflexões e intervenções realizadas em fóruns de acesso público.

A seguir você conhecerá cinco metodologias que promovem a educação integral e a integração curricular. Acompanhe!

2

PRESENÇA PEDAGÓGICA

Um modo de mediar o processo de aprendizagem com qualidade

A interação professor-aluno é construída cotidianamente nas mais variadas situações escolares, sobretudo durante os momentos de aula. É importante refletir sobre como os docentes podem se fazer presentes na vida dos estudantes, instituindo um clima que favoreça a aprendizagem.

Uma das contribuições das teorias da aprendizagem e do desenvolvimento humano que mais influenciaram as práticas pedagógicas foi a compreensão de que aprendemos necessariamente na interação com o outro.

Desde então, ganhou força a discussão da qualidade dessa interação entre os principais atores nos processos de ensino-aprendizagem: professores e estudantes.



A **presença pedagógica** é construída cotidianamente nas mais variadas situações escolares, sobretudo durante os momentos de aula. O termo foi cunhado pelo educador brasileiro Antônio Carlos Gomes da Costa que, em sua trajetória profissional, refletiu sobre como os docentes podem se fazer presentes na vida dos estudantes, instituindo um clima e um modo de relação que favoreçam a aprendizagem.



A qualidade das interações e da mediação do professor envolve as seguintes questões. Acompanhe!

- O **exercício do acolhimento e da abertura** para construir uma relação de confiança com os estudantes.
- A **mediação do professor nas situações de conflitos relacionais**, buscando envolver os estudantes na reflexão sobre os diferentes aspectos e na resolução do problema, ao invés de agir como o único “resolvedor”.
- O **compromisso** do professor com relação à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências pelos alunos, traduzido na confiança no potencial de cada um, nas expectativas elevadas sobre suas capacidades de aprender e na persistência e investimento em ensinar.

A presença pedagógica é uma condição essencial para favorecer uma boa mediação da aprendizagem. Por meio do seu exercício, o professor abre uma via de diálogo efetivo com os estudantes, acolhendo-os em suas singularidades ao mesmo tempo em que exige responsabilidade e compromisso, ajudando-os a gerirem suas aprendizagens e desafiando-os.

PROFESSOR MEDIADOR

Já se discute há tempos a superação do papel do professor como único detentor do conhecimento. No paradigma transmissivo, o conhecimento é adquirido em um processo que é passado do professor para o aluno. No paradigma interacionista, o estudante aprende a partir de processos de produção de sentidos construídos nas relações com os *outros* e com o conhecimento histórico e socialmente produzido para compor entendimentos sobre coisas, fenômenos, emoções etc. Neste processo, o professor é um sujeito cuja formação, em termos de conhecimentos científico e cultural, pedagógico e didático, congrega competências que o constituem como um *outro* qualificado a exercer a mediação.

PRESENÇA PEDAGÓGICA

Na presença pedagógica, o professor atua como mediador para:

Construir uma relação de confiança

Explorar o potencial de aprendizagem das situações de conflito

Promover a aprendizagem

7 PONTOS PARA LEMBRAR SOBRE PRESENÇA PEDAGÓGICA

1

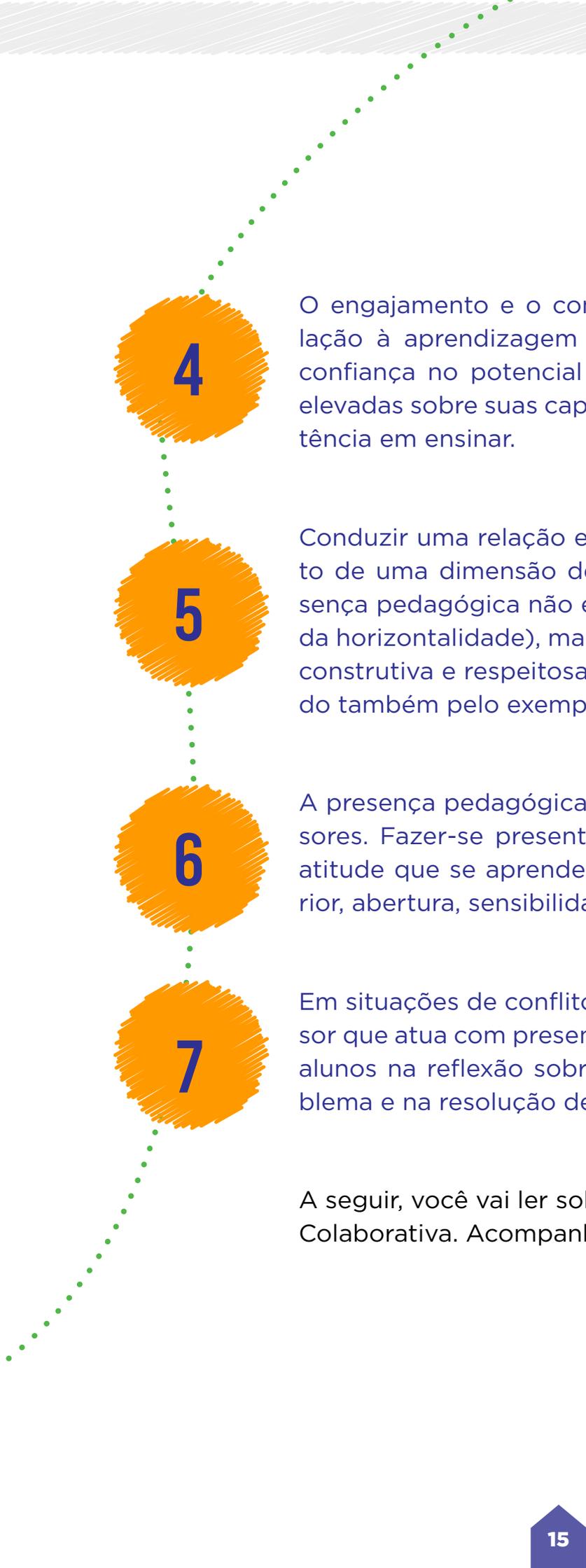
Qualificar a interação professor-estudantes é a base para o estabelecimento de um bom convívio em aula e para promover a aprendizagem e o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais.

2

Cabe ao professor abrir-se cotidianamente para os alunos e sua diversidade de características, interesses, demandas e desafios. É necessário consolidar uma relação de acolhimento e de exigência no cotidiano escolar.

3

Estar junto, em relação de reciprocidade, qualifica a interação e possibilita o aprofundamento de trocas comunicativas. É essencial falar e ouvir com o mesmo cuidado e atenção, favorecendo a compreensão mútua.



4

O engajamento e o compromisso do professor com relação à aprendizagem dos estudantes se traduzem na confiança no potencial de cada aluno, em expectativas elevadas sobre suas capacidades de aprender e na persistência em ensinar.

5

Conduzir uma relação educativa requer o reconhecimento de uma dimensão de autoridade. A intenção da presença pedagógica não é o professor ser um “igual” (mito da horizontalidade), mas sim proporcionar uma influência construtiva e respeitosa na vida dos estudantes, ensinando também pelo exemplo.

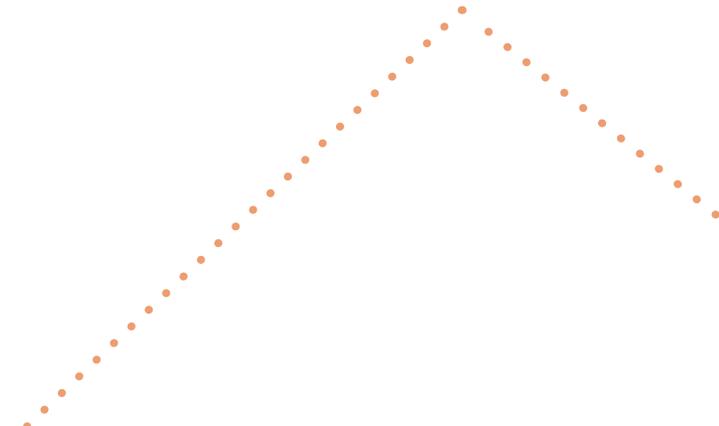
6

A presença pedagógica não é um dom de alguns professores. Fazer-se presente na vida dos estudantes é uma atitude que se aprende, desde que haja disposição interior, abertura, sensibilidade e compromisso para tanto.

7

Em situações de conflito de natureza relacional, o professor que atua com presença pedagógica busca envolver os alunos na reflexão sobre os diferentes aspectos do problema e na resolução deste.

A seguir, você vai ler sobre a metodologia Aprendizagem Colaborativa. Acompanhe!



3

APRENDIZAGEM COLABORATIVA

Construção coletiva do conhecimento

A aprendizagem colaborativa abre caminho a novos modos de interação dos estudantes com o professor e com os pares, estimulando a ampliação de autonomia em relação ao conhecimento.

Se a intenção é promover a aprendizagem colaborativa, as carteiras enfileiradas dão lugar a outros modos de organizar o espaço, favorecendo o trabalho em duplas ou trios, em roda de conversa e grupos de trabalho, por exemplo. Assim, criam-se alternativas aos modelos de ensino centrados unicamente no professor ou que trabalham exclusivamente a aprendizagem individual. Não se trata, portanto, de substituir atividades em que os alunos trabalham sozinhos, mas de combinar esse tipo de prática com as que possibilitam a colaboração, dependendo do objetivo proposto para cada momento da aula e de onde se pretende chegar em relação ao aprendizado dos estudantes.



A INTERAÇÃO COMO FATOR CHAVE

Assim como a presença pedagógica, a aprendizagem colaborativa se fundamenta na premissa de que o conhecimento e a autonomia se constroem por meio da interação. Essa interação pode acontecer de diversas maneiras: entre professor e estudantes, entre estudantes reunidos em pequenos e grandes grupos de trabalho, em situações de roda de conversa coletiva ou em outras oportunidades de encontro e troca que se dão no espaço escolar. Se no exercício da presença pedagógica está em jogo a qualidade da relação professor-aluno, no desenvolvimento da aprendizagem colaborativa a relação dos estudantes entre si ganha destaque.



A **Teoria Sociocultural de Vygotsky** aparece como inspiração importante para as práticas de educação integral. Segundo essa abordagem, é possível identificar uma relação causal entre a interação social e o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Ou seja, **aprendemos necessariamente na interação com o outro**, uma vez que o conhecimento é construído nas interações dos sujeitos com o meio, com múltiplos textos e com outros indivíduos, essas interações podem ser identificadas como promotoras da aprendizagem.

A aprendizagem colaborativa é uma metodologia que transforma as relações de aprendizado e a organização da turma. Trabalhando em times, cada estudante vai se tornando apto a enfrentar, de modo colaborativo, os desafios de aprendizagem e do desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais, corresponsabilizando-se tanto com relação à qualidade do convívio da turma quanto com o que está sendo ou não aprendido por ele mesmo e pelos colegas.

Uma prática bastante comum que não combina com a aprendizagem colaborativa é propor uma atividade em grupos aos alunos, apresentando uma comanda, e esperar deles apenas as produções finais para avaliação, deixando de acompanhar o percurso que será vivenciado pelos estudantes no desenvolvimento da atividade e ignorando todas as outras condições e contextos que envolveram essas produções. O que se espera, na perspectiva da aprendizagem colaborativa, é que o professor ajude os alunos a conectarem a ativid-

de com o contexto maior do que estão vivendo, oriente a organização dos agrupamentos (duplas, trios, quartetos, times), acompanhe o desenvolvimento do trabalho (colaborando com perguntas, dicas, sugestões, conhecimentos, mas sem fazer pelos estudantes as atividades propostas) e avalie o processo, o resultado e as aprendizagens. A mensagem que transmite aos estudantes, assim, é que a atividade é importante também no percurso formativo e que, portanto, exige forte envolvimento e compromisso de todos.

DO GRUPO AO TIME

De um trabalho em grupo SEM colaboração

Cada membro se preocupa consigo mesmo.



Para um trabalho em times COM colaboração

Cada membro se preocupa com a própria aprendizagem, com a do colega e com o desempenho do time.

Pode haver um líder que orienta o trabalho dos demais.



A responsabilidade da liderança é compartilhada por todos, em rodízio, e todos os estudantes realizam as tarefas.

As questões relacionais e produtivas não são trabalhadas como tarefa do grupo.



As competências relacionais - liderança, comunicação, confiança, convívio - são alvo do trabalho do time, pois geram aprendizados importantes.

Tenta-se chegar ao resultado de aprendizagem independentemente do clima de interação entre os componentes.



A interação positiva entre os membros do time potencializa os resultados de aprendizagem.

Há somente a avaliação global do grupo. Mesmo que não participe, o aluno pode ser bem avaliado (em função do trabalho dos demais).



Cada estudante é avaliado pelo próprio desempenho e pelo progresso dos demais. A partir dessa avaliação, os membros do time devem ser estimulados a motivar e a apoiar aqueles que demonstrem algum tipo de dificuldade.

O professor não se envolve com o trabalho dos alunos (está preocupado com o produto final) ou estabelece uma relação de dependência, dando respostas prontas ou resolvendo os problemas por eles.



O professor acompanha o trabalho dos estudantes, circulando pelos times, orientando-os quando se desviam da tarefa, estimulando que persistam nos momentos de frustração, provocando-os a pensarem soluções antes de ouvirem a sua opinião, potencializando a aprendizagem.

7 PONTOS PARA LEMBRAR SOBRE APRENDIZAGEM COLABORATIVA

1

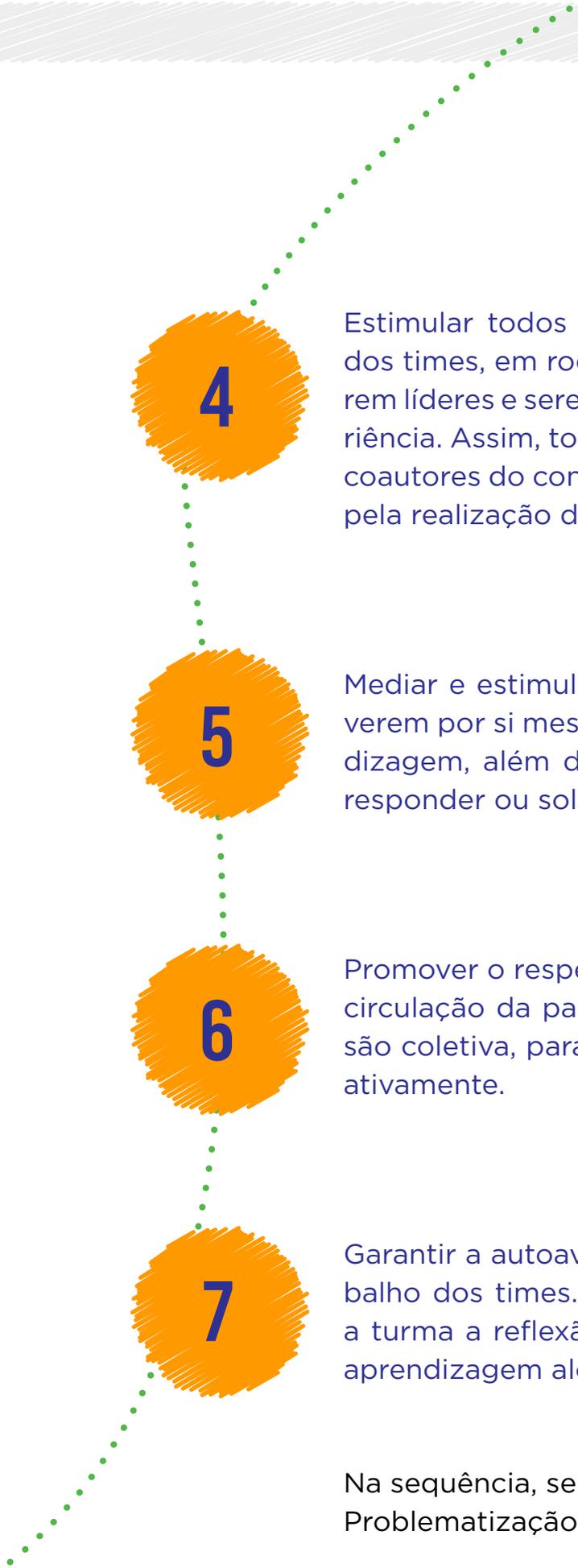
Planejar atividades complexas, que necessitem do trabalho colaborativo para serem resolvidas. Exercitar a mediação e o acompanhamento durante as atividades dos agrupamentos, pois as aprendizagens acontecem no processo. Não deixar os estudantes “à deriva”!

2

Apresentar ou construir conjuntamente com os alunos as regras de trabalho, definindo combinados com os estudantes, tendo em vista que eles estão aprendendo a trabalhar colaborativamente em times.

3

Orientar a organização do espaço físico para que os times e a roda de conversa coletiva possam ser formados adequadamente.



4

Estimular todos os estudantes a assumirem a liderança dos times, em rodízio, para que possam experimentar serem líderes e serem liderados, aprendendo com essa experiência. Assim, todos os integrantes de um time se tornam coautores do conhecimento construído e corresponsáveis pela realização das atividades e por seus resultados.

5

Mediar e estimular a participação dos alunos para resolverem por si mesmos os problemas de convívio ou aprendizagem, além das questões que os desafiam, evitando responder ou solucionar tais questões por eles.

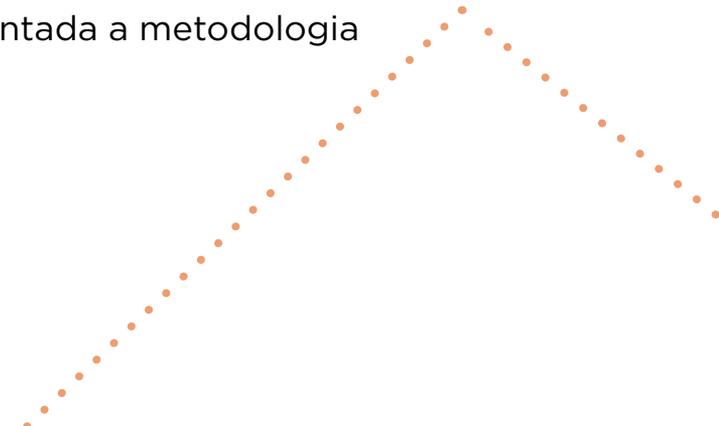
6

Promover o respeito à diversidade, a troca de saberes e a circulação da palavra nos momentos de roda de discussão coletiva, para que todos os alunos possam participar ativamente.

7

Garantir a autoavaliação dos estudantes ao longo do trabalho dos times. É fundamental também promover com a turma a reflexão e a discussão sobre os resultados de aprendizagem alcançados.

Na sequência, será apresentada a metodologia Problematização!



4

PROBLEMATIZAÇÃO

Ensino que fomenta o “aprender a aprender”

A problematização faz contraponto à ideia de que estudantes silenciosos e cadernos cheios de anotações feitas “mecanicamente” são, sempre, sinônimos de aprendizagem. Ela assume um papel de destaque na construção do conhecimento escolar, uma vez que é um meio de provocar a participação, a criticidade, a curiosidade e a superação do conhecimento simplesmente transferido.

Professores comprometidos com a educação desejam que os estudantes sejam interessados, participativos e críticos. Em geral, professor não gosta de “turmas apáticas”, que não apresentam questionamentos e não demonstram entusiasmo para aprender. Se dentre os objetivos a serem alcançados pela educação está propiciar acesso ao saber acumulado socialmente e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, como mobilizar os alunos e promover desejo pelo conhecimento?

É fundamental que os professores tenham altas expectativas com relação às aprendizagens de seus estudantes (tendo em vista que uma das características da presença pedagógica é a crença no potencial dos alunos) e sejam incansáveis provocadores de curiosidade.



A problematização coloca o questionamento em papel de destaque na construção de conhecimentos, partindo “de uma análise da pergunta, da criatividade das respostas como ato de conhecimento, como processo de pergunta-resposta que deveria ser realizado por todos os que participam do processo educativo” (FREIRE e FAUNDEZ, 1985, p. 28).

APRENDIZADO COMO UM PROCESSO INCESSANTE, CURIOSO E PERMANENTE

A sala de aula, como microcosmo social, é formada pela diversidade que se revela em diferentes modos de ser, conviver, pensar e aprender. A participação pela problematização incentiva a curiosidade, estimula o pensamento crítico e a capacidade de resolução de problemas, e deve ser caminho para que todos os estudantes possam se posicionar, dialogar, construir e reconstruir conhecimentos. Uma aula estruturada de modo a incentivar a participação permite que cada um possa se construir, como pessoa e estudante, em constante desenvolvimento e autodescoberta, e possibilita que a mediação do professor trabalhe o erro como parte da construção do conhecimento.

A mediação problematizadora dos professores considera as seguintes questões:

- A educação não como um ato explicativo, mas que privilegia a construção do conhecimento e desenvolvimento integral por meio de **perguntas que acionam conhecimentos prévios, estimulam o pensar, exigem articulação de saberes, ampliação de repertório e investigação.**
- A articulação entre o que os estudantes já sabiam e o que aprendem na escola.
- A prática de atividades desafiadoras que colocam os estudantes em situação de **resolução de problemas.**

Assim como a aprendizagem colaborativa, a problematização é uma metodologia que se desenvolve pela participação em torno de situações-problema e que exige o exercício da presença pedagógica do professor durante a mediação.

PROBLEMATIZAÇÃO

Na problematização, o professor atua como mediador para:

Construir o conhecimento por meio de perguntas

Articular os conhecimentos prévios dos estudantes e os saberes escolares

Engajar os estudantes para pensar e agir como resolvedores de problemas

7 PONTOS PARA LEMBRAR SOBRE PROBLEMATIZAÇÃO

1

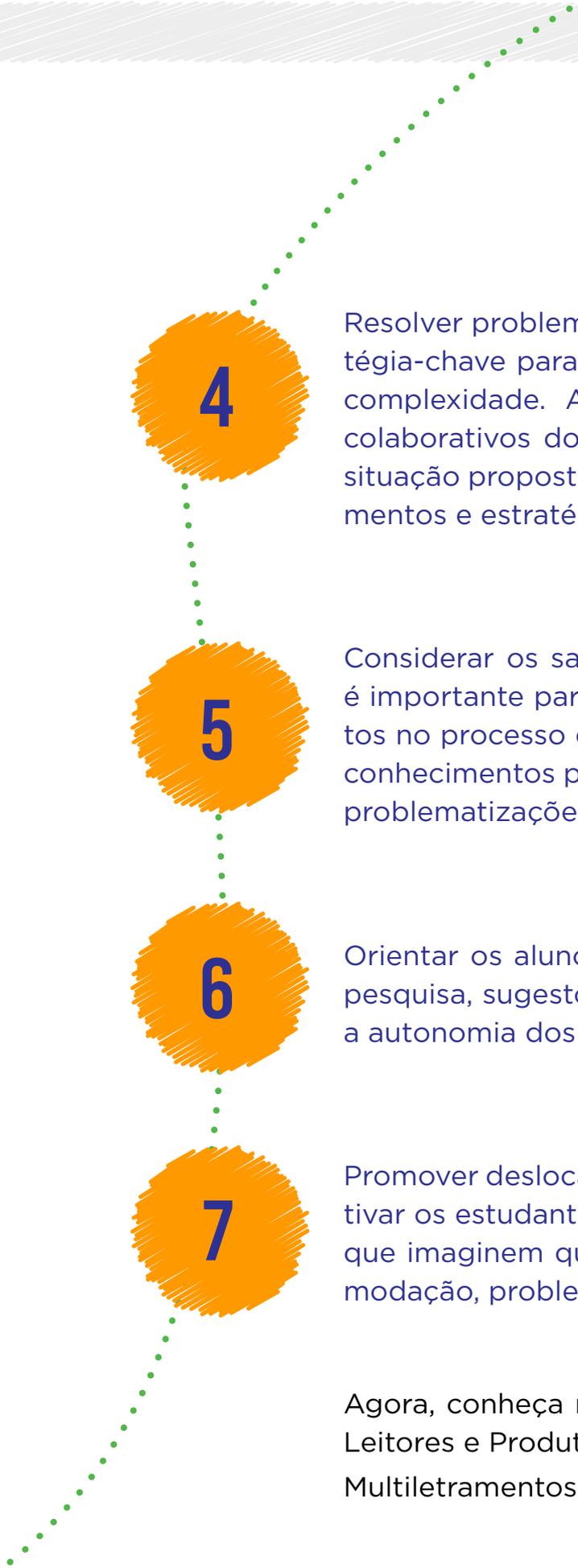
Problematizar é mais que uma metodologia, é uma postura frente ao conhecimento. Cabe ao professor problematizar, para que se instale entre os alunos um processo ativo de retomada, busca, construção e apropriação de saberes.

2

Problematizar a partir de perguntas consistentes e bem formuladas é um convite realmente instigante para a ampliação de horizontes de sentidos.

3

A problematização acontece em um ambiente que valoriza o erro, no qual opiniões conflitantes e equivocadas têm espaço e relevância no processo de aprender.



4

Resolver problemas de forma colaborativa: eis uma estratégia-chave para lidar com situações-problema de maior complexidade. A participação articulada aos esforços colaborativos dos alunos não só possibilita responder à situação proposta, como ampliar o repertório de conhecimentos e estratégias de cada um.

5

Considerar os saberes e as experiências dos estudantes é importante para que professor e alunos naveguem juntos no processo de aprendizagem. Cada um traz consigo conhecimentos prévios e pode (re)construí-los a partir de problematizações que levem essas bagagens em conta.

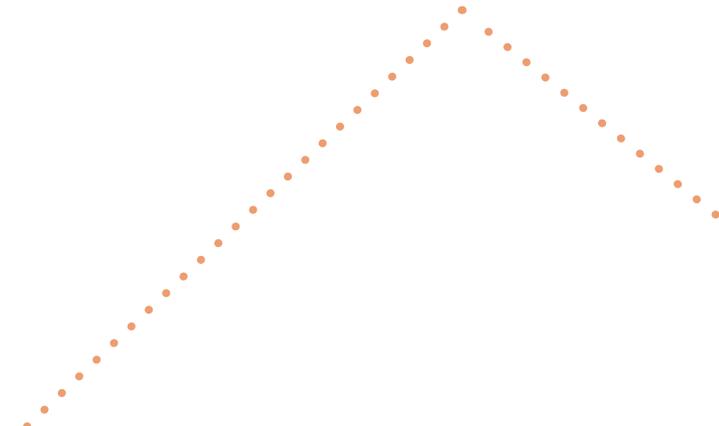
6

Orientar os alunos com informações, dicas de fontes de pesquisa, sugestões de métodos, de maneira a incentivar a autonomia dos estudantes no processo.

7

Promover deslocamentos, sair da zona de conforto, incentivar os estudantes a não se restringirem a dar a resposta que imaginem que o professor quer ouvir. Nada de acomodação, problematizar é sair da “mesmice”!

Agora, conheça mais sobre a metodologia Formação de Leitores e Produtores de Textos na Perspectiva dos Multiletramentos.



5 FORMAÇÃO DE LEITORES E PRODUTORES DE TEXTOS NA PERSPECTIVA DOS MULTILETRAMENTOS

Um desafio de todos os professores

É relevante que todo o currículo promova o aprimoramento das capacidades de leitura e de produção textual dos estudantes, trabalhando textos de diferentes esferas e gêneros, diversos em linguagens, mídias usadas e *valores culturais representados*.

Dar aos estudantes condições de significar criticamente os textos que circulam, nas diferentes linguagens (a verbal e as não verbais, como as que envolvem os sons, as imagens, o movimento, o corpo), mídias e esferas, e de produzir seus próprios textos, de modo que participem do constante diálogo entre ideias e valores que é a vida em sociedade, constitui compromisso básico da escola.

Em outras palavras, se língua portuguesa é o componente curricular que prioritariamente forma o leitor e o produtor textual, visando à maior inserção dos alunos nas práticas letradas, os demais componentes curriculares também são corresponsáveis por isso e devem, dentro de suas especificidades, trabalhar com abordagens afins. É nesse sentido que tomamos a formação de leitores e produtores de textos na perspectiva dos multiletramentos como uma das metodologias para a educação integral para o século 21.



O QUE SÃO MULTILETRAMENTOS?



Para os pesquisadores estadunidenses Cope e Kalantzis, os multiletramentos implicam práticas que envolvem diferentes mídias e linguagens, das variadas culturas. A doutora em linguística aplicada, Roxane Rojo, propõe que o conceito de multiletramentos englobe a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO e ALMEIDA, 2012, p. 13). A pesquisadora defende um enfoque multicultural, capaz de trazer para o currículo escolar uma abordagem pluralista das culturas.

Partindo do pressuposto de que o conhecimento é uma propriedade comum a todos os grupos humanos, promover uma educação multicultural significa reconhecer os saberes de diferentes grupos como equivalentes e os valores das sociedades como legítimos, na busca por estabelecer uma rede mais horizontal de relações.

Podendo ser considerado uma “evolução” do conceito de letramentos, o termo multiletramentos veio evidenciar o quanto nossa vida tem mudado em todos os âmbitos, com o avanço das novas tecnologias da informação e da comunicação: com o mundo conectado, temos mais acesso às diferentes culturas – o que nos leva a uma posição de negociar essas diferenças cotidianamente. Além disso, com as novas possibilidades de agregar recursos de diferentes linguagens e diferentes mídias na produção de um texto, novos gêneros surgiram.

Considerar quem são os interlocutores, a esfera em que se situam, o gênero de que se valem e as possíveis intencionalidades do que dizem em seus textos (sempre relacionadas aos valores que defendem e aos lugares sociais que ocupam) é fundamental nos processos de construção de sentidos na formação dos estudantes como leitores e produtores de texto.

Nesse contexto, entende-se o sujeito como:

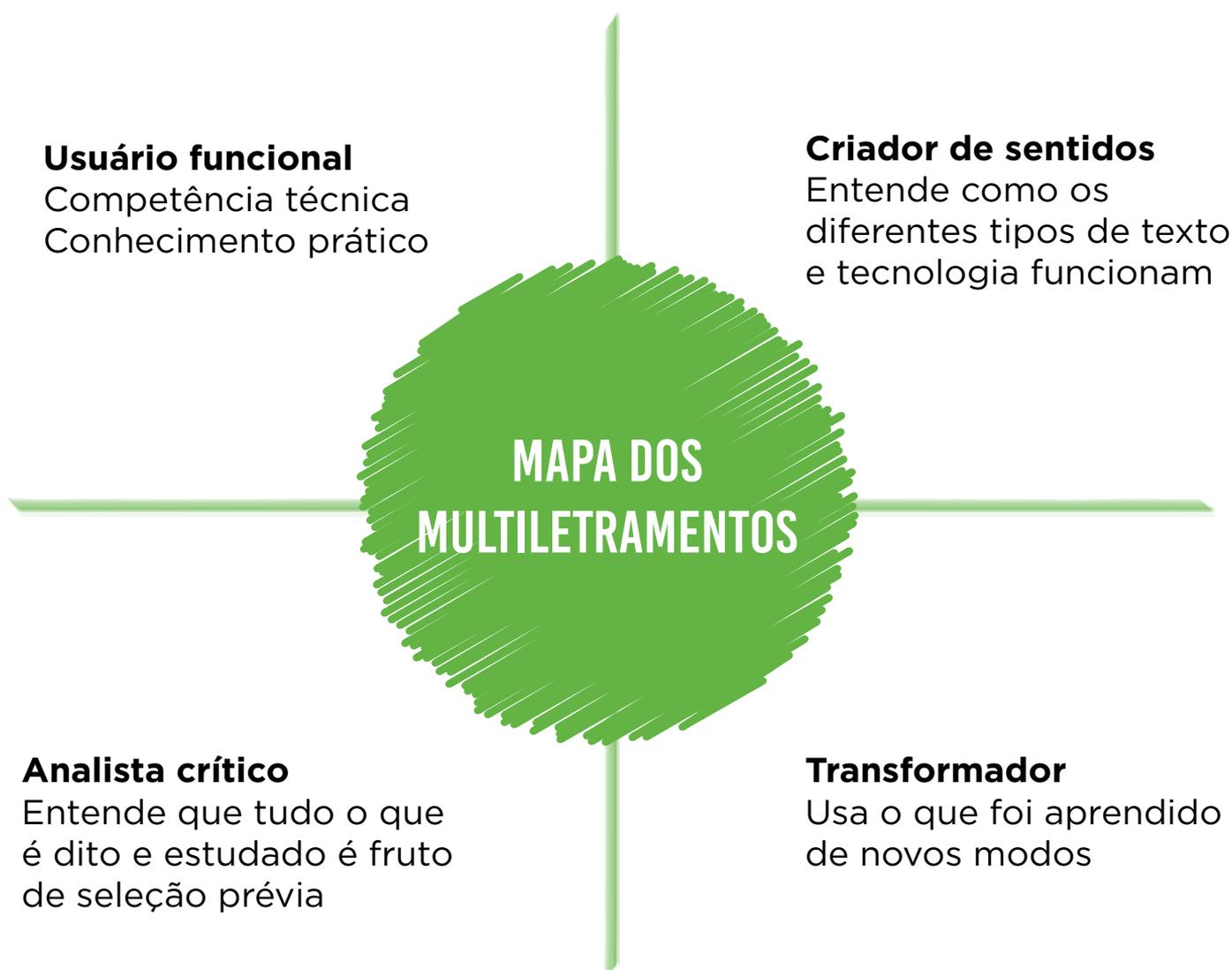


Diagrama de uma pedagogia dos multiletramentos.
Fonte: ROJO; MOURA (Orgs.). 2012, p. 29.

Cabe, portanto, à escola, favorecer a abordagem crítica, interessada nos textos e em seus contextos, em suas lacunas e intencionalidades, de modo a garantir que, para além de meros usuários funcionais das novas linguagens, os estudantes sejam criadores de sentidos, analistas críticos e transformadores delas, atrelando à competência técnica a competência discursiva. Em outras palavras, cabe à escola criar condições para que os estudantes se reconheçam como protagonistas no processo de atribuição e construção de sentidos.

7 PONTOS PARA LEMBRAR SOBRE FORMAÇÃO DE LEITORES E PRODUTORES DE TEXTOS NA PERSPECTIVA DOS MULTILETRAMENTOS

1

O compromisso com os multiletramentos apoia-se na compreensão de que a linguagem é interação. Isto é: os sujeitos agem sobre si e sobre a realidade por meio dos textos que produzem, que trazem a marca de seus posicionamentos em relação às coisas do mundo (produção discursiva).

2

As novas condições de produção discursiva convocam a escola a repensar o trabalho a ser feito com as linguagens, contemplando textos de diferentes esferas, gêneros, linguagens e valores culturais.

3

Quanto maior a diversidade de práticas escolares envolvendo uma ampla gama de textos, em situações significativas de aprendizagem, maiores as possibilidades de inserção crítica dos jovens nas situações sociais de usos das diferentes linguagens.



4

Trabalhar com textos multissemióticos (com várias linguagens) e híbridos requer investimento nas capacidades críticas de leitura: recuperação do contexto de produção do texto, definição de finalidades e metas da atividade de leitura, percepção de diálogos entre diferentes textos e das relações entre os discursos produzidos (percepção dos valores que sustentam as ideias dos textos), percepção de outras linguagens, elaboração de apreciações estéticas e/ou afetivas, elaboração de apreciações relativas a valores éticos e/ou políticos.

5

Também importam os processos de autoria, em que os estudantes possam ter vivências significativas de produção textual, para leitores/ouvintes/espectadores reais.

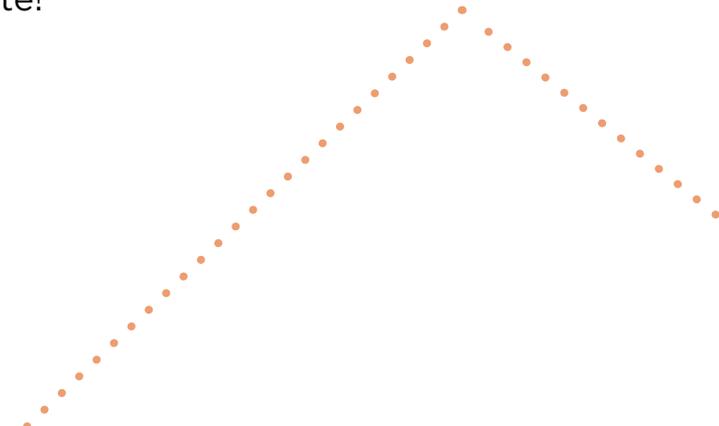
6

Não é o uso das novas tecnologias por si só que favorecerá os multiletramentos, mas o uso crítico delas, interessado em ensinar/aprender os novos códigos, o funcionamento das novas mídias, as novas práticas de autoria e circulação de textos, em favor da democratização das novas formas de produção discursiva.

7

Além da diversidade de linguagens, um ponto fundamental dos multiletramentos é garantir uma visão plural de mundo, com textos e produções que remetam a diferentes grupos sociais e seus valores culturais.

É hora de passar ao texto sobre a metodologia Educação por Projetos. Siga em frente!



6

EDUCAÇÃO POR PROJETOS

Ensino conectado com a prática

A educação por projetos abre oportunidades para que os estudantes coloquem seus conhecimentos em ação e sejam provocados por essa mesma ação a pesquisar outros conhecimentos e transformar seus contextos, de modo a resolver problemas por meio da interação entre pares e com os diferentes campos do saber.

Os projetos têm objetivos diversos, tais como: ser uma ação de intervenção para a mudança de algo que se mostre um problema para a escola ou comunidade; ser um itinerário para a problematização e construção do projeto de vida dos estudantes; apoiar a autogestão dos alunos com relação aos estudos; promover pesquisas estruturadas, que articulem os interesses estudantis com os interesses curriculares etc.

No entanto, a metodologia educação por projeto, pensada para promover o desenvolvimento integral dos alunos, observa se as ações propostas:

- concretizam-se no contexto curricular, ou seja, é parte essencial do percurso formativo dos alunos;
- estão assentadas na crença de que os estudantes têm potencial para participar da construção de todo o processo de resolução de problemas, ganhando autonomia ao longo do percurso, passando da relação de dependência do professor para uma relação de colaboração;

- são introduzidas de modo estruturado em etapas com intencionalidade pedagógica bem definidas para (1) mobilizar interesses, conhecimentos e engajar os estudantes; (2) discutir e tomar as decisões sobre a iniciativa a ser realizada; (3), planejar e organizar as ações a serem realizadas, os prazos e as atribuições na equipe; (4) executar e avaliar constantemente as ações planejadas; (5) promover a apropriação de resultados alcançados de modo a possibilitar a generalização dos aprendizados.



O aprendizado baseado em projetos já era defendido por John Dewey, no início do século 20, na sua Pedagogia Ativa ou Pedagogia da Ação. Alguns dos pressupostos desta metodologia também são encontrados nas formulações do educador espanhol Fernando Hernández, que propõe a reorganização curricular por projetos. No Brasil, as ideias destes pensadores contribuíram na abordagem de educação por projetos proposta pelo educador mineiro Antonio Carlos Gomes da Costa, que defendia a importância de envolver os estudantes em todas as etapas de um projeto, desde a elaboração, execução até a avaliação das ações propostas, que podem ter como espaço a escola e os diversos âmbitos da vida comunitária.

Desenvolver projetos é uma vivência de construção do conhecimento em sua dimensão cognitiva e socioemocional, pois mobiliza os interesses e o envolvimento dos estudantes com as ações, estimulando o desenvolvimento de competências como o trabalho em equipe (na perspectiva do comprometimento individual e da capacidade de lidar com questões relacionais, frustrações e problemas inesperados; bem como de exercitar e compartilhar a liderança), a abertura para aprender novos conhecimentos (tendo a curiosidade como força motriz) a responsabilidade (na faceta da autogestão dos processos), entre outras.

7 PONTOS PARA LEMBRAR SOBRE EDUCAÇÃO POR PROJETOS

1

Os projetos permitem que os estudantes compreendam os conhecimentos em sua complexidade e de modo contextualizado, relacionando teoria e prática.

2

Os projetos ajudam a relacionar a vivência escolar com a vida mais ampla dos alunos. Por meio deles, os jovens conectam seus interesses e necessidades com os conhecimentos que estão aprendendo nas aulas.

3

Os projetos possibilitam que os jovens estabeleçam uma relação ativa diante do conhecimento, ganhando progressiva autonomia para aprender.



4

A mediação do professor é um aspecto-chave dos projetos. O acolhimento dos interesses e conhecimentos juvenis, o aporte de novos conhecimentos, a orientação em relação ao percurso a ser vivido, a problematização dos pontos de vista e escolhas dos alunos e o estímulo à aprendizagem são marcas importantes da atuação do professor na orientação de projetos.

5

Ao realizar projetos, os estudantes aprendem conhecimentos novos, desenvolvem habilidades de pesquisa e competências cognitivas e socioemocionais, como conhecer os próprios interesses, realizar ações em colaboração com colegas, configurar um problema, acessar, analisar, relacionar, produzir e compartilhar conhecimentos, transformar planos em ação, analisar o processo vivido de modo crítico etc.

6

Ao realizar um projeto, os estudantes aprendem modos de estruturar seu percurso de investigação ou intervenção. Nas etapas do projeto, eles concretizam ideias e planos, bem como conquistam aprendizagens significativas.

7

Os projetos possibilitam a integração entre os conhecimentos aprendidos nos diferentes componentes curriculares, potencializando a aprendizagem dos alunos. Além disso, promovem a personalização do currículo, ao possibilitarem que os alunos participem ativamente da definição dos temas, dos conteúdos e do percurso das ações.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **A presença da pedagogia: métodos e técnicas de ação socioeducativa**. São Paulo: Global; Instituto Ayrton Senna, 1999.

_____. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

DILLENBOURG, Pierre; JÄRVELÄ, Sanna; FISCHER, Frank. The evolution of research on computer-supported collaborative learning. In: **Technology-enhanced learning**. Springer Netherlands, 2009. p. 3-19.

FREIRE, P. FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HARGREAVES, Andy. Os professores em tempos de mudança. O trabalho e a cultura dos professores na Idade Pós-Moderna. Lisboa: McGraw Hill, 1998.

HERNANDEZ, Fernando. Transgressão e Mudança na Educação - Os Projetos de Trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ZABALA Antoni. A Prática Educativa - Como Ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

